

Língua e identidade portuguesa¹

Hellen Cristina Picanço Simas

Doutoranda/Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Regina Celi Mendes Pereira²

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Resumo:

Este trabalho apresenta e discute as concepções sobre identidade indígena, tendo como questionamento central a vinculação entre o uso efetivo da língua e a manutenção dessa identidade. Respalda-nos em textos de Maher (1998), Munduruku (2000) e Souza (2004), entendemos que são as práticas discursivas em qualquer língua que determinam o ser índio ou não-índio e não a sua forma de vestir, cor da pele, textura do cabelo ou modo de vida. É pelas práticas discursivas que o sujeito se constrói e constrói o outro, estabelecendo nessas interações sua identidade e fronteiras entre o eu e o outro.

Palavras-chave: Identidade, Língua, Indígena

Abstract:

This paper presents and discusses the concepts of Indigenous identity, pointing as the central question the relationship between the effective use of language and the maintenance of that identity. In accordance with Maher (1998), Munduruku (2000) and Souza (2004), we understand that the discursive practices in any language determine whether or not to be indigenous and not the manner of dress, color, texture hair or the way of life. Discursive practices permit that the subject is constructed and built to the other, establishing their identity in this interaction and boundaries between them.

Key words: identity, language, indigenous.

¹. Recebido em 20 de abril de 2009. Aprovado em 07 de julho de 2009.

². Doutora (2005) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Resumen:

Este trabajo presenta y discute las concepciones sobre la identidad indígena, teniendo como cuestionamiento central la relación entre el uso eficaz de la lengua y la conservación de esa identidad. Respaldándonos en los textos de Maher (1998), Munduruku (2000) y Souza (2004), entendemos que son las prácticas discursivas en cualquier lengua que determinan el ser indígena o no, y no la forma de vestir, color de piel, la textura del cabello o la forma de vida. Es por las prácticas discursivas que el sujeto se construye y construye al otro, estableciendo en esas interacciones su identidad y fronteras entre uno y otro.

Palabras-clave: identidad, idioma, indígenas.

Introdução

O que é ser índio? Ao nos questionarmos sobre isso, logo vem à mente da maioria das pessoas que os indígenas são todos iguais, ou seja, falam a mesma língua e possuem os mesmos mitos e lendas, por exemplo. Ou pensa-se que são coisas do passado, seres primitivos, ainda andando nus, com arco e flecha nas mãos; cabeleiras lisas e cor avermelhada. Essas impressões se confirmam no relato feito por Daniel Munduruku, quando o escritor indígena pegou um metrô em São Paulo. Durante sua viagem, ouviu o seguinte diálogo:

- Você viu aquele moço que entrou no metrô? Parece que é índio – disse a primeira senhora.
- É, parece. Mas eu não tenho tanta certeza assim. Viu que ele usa calças jeans. Não é possível que ele seja índio usando roupas de branco. Acho que não é índio de verdade – retrucou a segunda senhora.
- É pode ser. Mas você viu os cabelos dele? É lisinho, lisinho. Só índio tem cabelo assim – defendeu a primeira.
- Sei não você viu que ele usa relógio? Índio vê a hora olhando para o tempo. O relógio do índio é o sol, a lua as estrelas... Não é possível que ele seja índio – argumentou a outra.
- Mas ele tem olho puxado disse a primeira senhora.

- E também usa sapatos e camisa – ironizou a segunda.
- Mas tem as maçãs do rosto muito salientes. Só os índios têm o rosto desse jeito. Não, ele não nega. Só pode ser índio, e parece ser dos puros.
- Não acredito não existe mais índio puro – afirmou cheio de sabedoria a segunda. – afinal, o que um índio estaria fazendo andando de metrô? Índio de verdade mora na floresta, carrega arcos e flechas, caça e pesca e planta mandioca. Acho que não é índio coisa nenhuma (Munduruku 2000:28-29).

O diálogo continua nesse sentido e termina quando Daniel Munduruku responde ao questionamento das respectivas senhoras dizendo que sim, que ele é índio, e desce na sua estação.

Não podemos negar que a segunda senhora questionadora da identidade indígena tem certa razão, o estereótipo de índio imaginado por ela, corresponde ao padrão indígena encontrado aqui quando os europeus chegaram e ainda existe em comunidades isoladas, mas entendemos que o ser índio não precisa se enquadrar nesses aspectos para constituir-se como tal, outros fatores determinam sua identidade.

Então, o que é ser índio hoje para nós?

É sobretudo nas suas práticas discursivas que o sujeito índio emerge e é revelado: é, principalmente, no uso da linguagem que as pessoas constroem e projetam suas identidades. É assim, o discurso, isto é, a linguagem em uso, e não qualquer materialidade linguística específica [...] que cria e faz circular o sentido “ser índio” (Maher 1998:117).

Para nós, portanto, as práticas discursivas em qualquer língua determinam a identidade indígena. Não é sua forma de se vestir, nem a cor de sua pele ou textura do cabelo ou modo de vida, mas o discurso que ele profere mostra sua opinião, ideias, demonstra suas emoções e revela suas relações de conflito ou união com o outro. Pela linguagem, o sujeito se constrói e constrói o outro,

estabelecendo nessas interações sua identidade e fronteiras entre o eu e o outro; entre o sujeito índio e o sujeito não-índio.

As práticas de linguagem, e não a língua, levam-nos a conhecer o mundo de quem fala; o que o sujeito enunciatador é verdadeiramente ou o que ele quer que o outro pense que seja. Por isso, defendemos a tese de que o índio, mesmo tendo a língua portuguesa como língua materna, não perde sua identidade indígena, pois a indianidade manifesta-se em qualquer língua, são os usos da língua que constroem o ser índio, ou ser não-índio.

Assim, não acreditamos que para se afirmar como sujeito pertencente a certa etnia ou adentrar o mundo indígena e expressar-se enquanto povo etnicamente diferente, necessariamente, tenha que se falar a língua nativa de seu povo. Pensar dessa maneira é estagnar no tempo, pois é sabido que as culturas passam por transformações, “a língua, os costumes, as crenças são atributos externos à etnia, suscetíveis de profundas alterações, sem que esta sofra colapso ou alteração” (Ribeiro 1996:446).

A questão da identidade indígena, o “ser índio”, remete, isto sim, a uma construção permanente (re)feita a depender da natureza das relações sociais que se estabelecem, ao longo do tempo, entre o índio e outros sujeitos sociais e étnicos: tal construção busca a) determinar especificidades que estabeleçam “fronteiras identificatórias” entre ele e um outro e/ou b) obter o reconhecimento dos demais membros do grupo ao qual pertence, dar legitimidade de sua pertinência a ele. É, portanto, nesta sua relação, no tempo e no espaço, com diferentes “outros” que o índio constrói cosmovisões específicas e “modos de ser” particulares que terminam por construí-lo (Maher 1998:116-117).

Nossos enunciados (discursos ou práticas discursivas) sempre estão relacionados, portanto, com outros enunciados. Dessa forma, sempre que falamos, mostramos o lugar de onde falamos, ou seja, trazemos nas nossas palavras, discursos de um grupo, marcado com uma história e com uma perspectiva de futuro. Eles projetam a nossa identidade que não é uma construção somente subjetiva, mas principalmente interativa e social, como

afirma Kitzinger (1989:94 *apud* M. Lopes 2003): “As identidades não são fundamentalmente propriedades privadas dos indivíduos, mas construções sociais, suprimidas e promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominante.”

Os resultados da pesquisa desenvolvida por Tereza Maher ratificam essa tomada de posição. A pesquisadora analisou o português falado por um grupo de professores índios pertencentes a grupos étnicos distintos, durante um curso de formação de docentes que ministrou pelo Projeto de Educação da entidade, não-governamental e laica, Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Ac). Dados coletados durante cinco estadias em Rio Branco financiadas por dois projetos de pesquisa: o Projeto Interação (FAPESP) e o Projeto Escola da Floresta (CNPq). A pesquisadora chegou à seguinte conclusão:

A especificidade do português analisado, principalmente no que diz respeito ao seu componente sociopragmático, constitui um traço diacrítico de indianidade, um modo de enunciação destes professores índios que termina [...] por compor um estilo que é, em muitos momentos a própria mensagem. Deste modo a língua portuguesa acaba mesmo não sendo uma língua meramente emprestada do branco, já que muitos índios dela se apropriam e a moldam a fim de, através de seu uso, construir e marcar suas identidades. [...] assim “... o português pode ser uma língua indígena”. Não só para índios que perderam suas línguas nativas [...], mas também, para aquele que as fala (Maher 1998:135)

Diante disso, a prática discursiva de uma determinada língua pode ser entendida como prática cultural e traço de indianidade, por apresentar as especificidades do estilo do povo que a manifesta. Assim, a língua aprendida pelos nativos, ou seja, a língua portuguesa passa a ser, ao mesmo tempo, um produto e instrumento da cultura nativa que a adquiriu.

Maher verificou que a língua portuguesa possui um uso próprio na comunidade indígena estudada. A forma de se cumprimentar em português, por exemplo, não é a mesma utilizada pelos Kaxinawa. Ao invés do “oi tudo bem, como você está? Entre, vamos tomar um café?”. Eles interagem assim:

Dona de casa – Ô Jorge Avelino, ‘cê já chegou...

Visita – eu ‘to aqui.

Dona de casa - Pode subir.

Visita – sim, eu já ‘to subindo...

Dona de casa – Vamos sentar...

Visita – então eu vou sentar (Maher 1998:122).

Na interação um interactante faz perguntas e o outro as confirma, inexistindo as expressões de saudações, oferta e agradecimento, como por exemplo, “pode subir”/“obrigado”, “quer sentar”/ ”sim ou não, obrigado”; típicas de outras comunidades não-índias. Observa-se que o visitante valida o que seu interlocutor diz, constituindo uma interação dialógica baseada na repetição da fala da “dona de casa”. Vemos, assim que os indígenas transpuseram para o português as práticas discursivas de sua língua munduruku, praticamente extinta, já que só algumas pessoas mais velhas ainda a falam. A memória indígena de uma prática discursiva se faz viva e presente na comunidade, agora, porém, recriada em português do branco ou seria português indígena?

Com base nessas reflexões, nos tópicos seguintes passaremos a analisar aulas de Língua Tupi, entrevista com professores e alunos potiguaras, bem como os questionários que os respectivos responderam sobre a situação de uso da Língua Tupi, para entendermos a relação que se estabelece entre língua e identidade na comunidade Potiguara de Monte-Mór – PB.

A língua tupi na comunidade potiguara

Os índios Potiguara³ encontram-se em situação parecida com a do povo Kaxinawa, uma vez que sua língua originária, o Tupinambá, encontra-se extinta. Foi só a partir de 2000, quando Eduardo Navarro, professor da Universidade de São Paulo (USP) ministrou um curso de Tupi Antigo, que os Potiguara passaram a ensinar a língua nas suas escolas indígenas, tentando, assim, resgatar o Tupi.

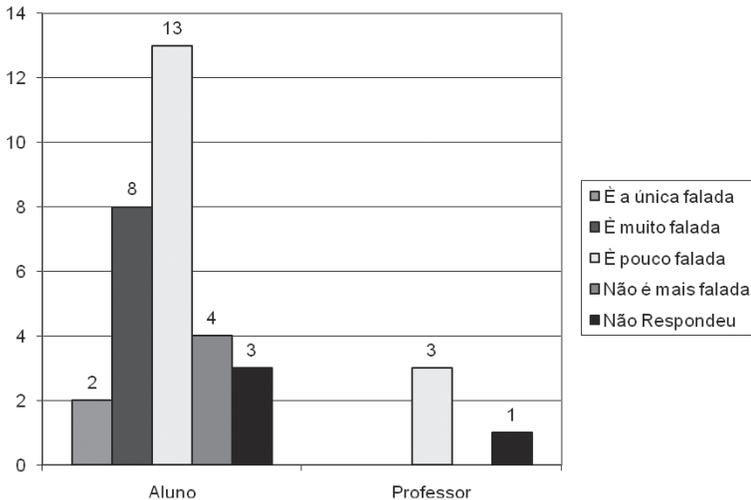
³ O nosso enfoque se volta para o povo Potiguara uma vez que foi nessa comunidade que foi desenvolvida nossa pesquisa de mestrado Letramento indígena: entre o discurso do RCNEI e as práticas de letramento da escola potiguara de Monte-Mór.

Esse fato gerou e gera ainda muita discussão entre os próprios indígenas. Alguns não acham interessante a proposta por dois motivos: primeiro, pelo fato de a língua ensinada não ser exatamente a língua nativa deles; segundo, porque a língua não é usada no dia-a-dia da aldeia. Por outro lado, existem aqueles que defendem o ensino do Tupi, porque compreendem a língua como parte da identidade potiguara, logo, ela deve ser ensinada para ser um elemento a mais em sua configuração como índios. Problemática sobre a qual nos debruçaremos nesse momento para procurarmos entender, justamente, a relação entre a Língua Tupi e afirmação da identidade potiguara.

Para obtermos respostas para a questão, aplicamos questionários com perguntas sobre o tema a professores e a alunos, entrevistamos professores e também observamos aulas de Tupi Antigo para tirarmos nossas conclusões sobre a problemática levantada. Passemos a conhecer as opiniões dos entrevistados sobre a situação do Tupi Antigo na aldeia potiguara de Monte-Mór. Entre as perguntas elaboradas, destacamos aquelas que estão mais relacionadas com o que estamos investigando nesse artigo.

A primeira pergunta questionava sobre a situação de uso da Língua Tupi na aldeia Potiguara quanto à oralidade.

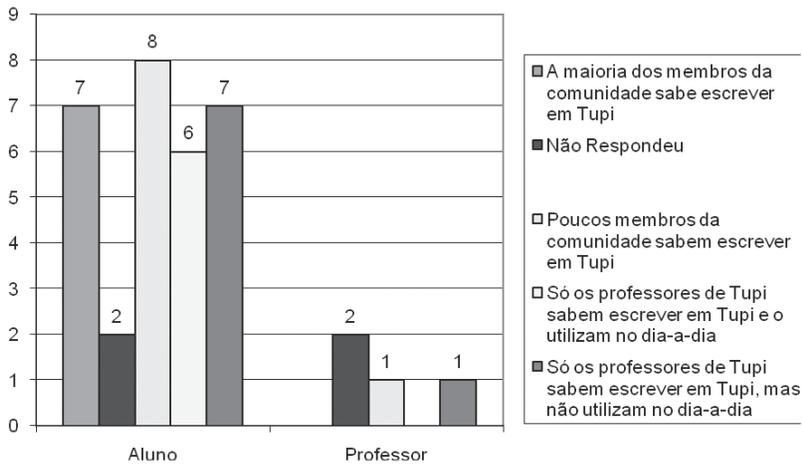
Gráfico 1



Observa-se que a maioria dos entrevistados informou que a Língua Tupi é pouco falada (13). Estranhamente, o segundo maior índice percentual apresentado nas respostas dos alunos indica que a língua é muito falada (8), contrapondo-se ao terceiro maior índice de resposta indicativo de que a língua não é mais falada (4). Diante deste quadro,⁴ consideramos o que a maioria respondeu, ou seja, que a Língua Tupi é pouco falada na aldeia potiguara. Durante nossas visitas à aldeia de Monte-Mór só observamos a referida língua sendo falada nas aulas de língua Tupi, por isso entendemos que essa situação é que determina que a língua seja considerada pouco falada; se essa situação escolar inexistisse, acreditamos que a maioria das respostas indicaria que o Tupi não era mais falado pela comunidade.

Perguntamos também sobre a situação de uso da Língua Tupi na aldeia Potiguara quanto à escrita.

Gráfico 2

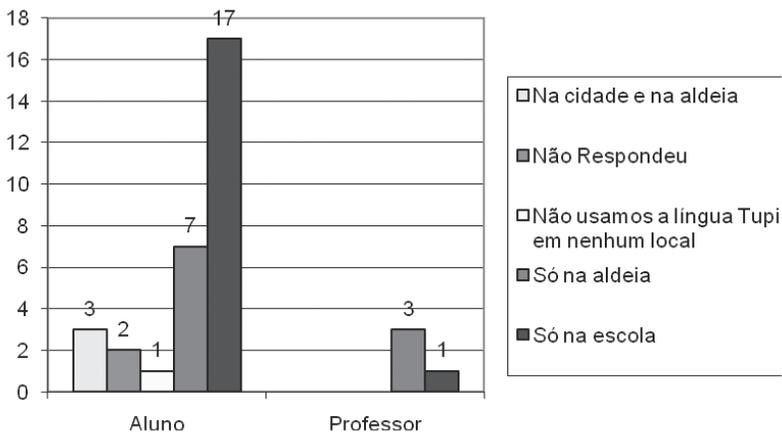


⁴ Consideramos como resposta representativa os dados que têm maior ocorrência.

A situação da Língua Tupi na modalidade escrita não é muito diferente da oralidade. O maior índice de resposta foi de que poucos ou só os professores de Tupi sabem escrever em Tupi, porém não utilizam o recurso nas práticas de linguagem da comunidade. Observamos que, somente nas aulas de Língua Tupi, a escrita da mesma se faz necessária, uma vez que a comunidade tem como língua materna o Português.

O Tupi, pelo que constatamos, está em fase de implantação ou revitalização, por isso o seu uso restringe-se ao contexto escolar, como confirmam as respostas dos entrevistados ao questionamento sobre o local de uso da Língua Tupi.

Gráfico 3



Dezessete entrevistados confirmaram que a Língua Tupi é usada só na escola. O que nos permite afirmar que o Tupi tem uso predominante na escola indígena para fins de ensino-aprendizagem da mesma, configurando-se numa língua sem uso nas práticas sociais da comunidade, porque está em fase de aquisição. Argumentos reforçados ainda mais pelos dados das observações das aulas de Tupi, que serão descritos a partir da próxima seção.

Alfabetização em tupi

As aulas de Língua Tupi⁵ aconteciam duas vezes por semana, com duração média de 45 min cada. Na primeira aula observada, o professor Potiguara⁶ escreveu no quadro uma canção em Tupi retirada de sua apostila, recebida durante o curso de Tupi Antigo, ministrado pelo professor Eduardo Navarro,⁷ sendo o único material de apoio a sua aula. Depois da atividade citada, ele colocou a tradução em português da canção ao lado da canção escrita em Tupi e pediu para que todos os alunos a cantassem em Tupi. O professor, juntamente com uma aluna, executou alguns passos do Toré, momento em que, segundo o professor, a música é cantada e dançada.

Na segunda aula, o professor lembrou o assunto da última aula e passou a colocar no quadro o alfabeto em Tupi, escrevendo ao lado de cada letra uma palavra que começasse ou tivesse a letra do alfabeto mostrado. Concluída esta etapa, o professor potiguara em estudo falou o alfabeto e as palavras e pediu que os alunos as repetissem.

⁵ Ressaltamos que concordamos com a perspectiva teórica que sustenta que se deve falar em Língua Tupinambá ao invés de Língua Tupi, todavia fazemos uso dessa última terminologia por ela ser a recorrente na comunidade indígena pesquisada. Os dados apresentados fazem parte da pesquisa de mestrado Letramento Indígena: entre o Discurso do RCNEI e as Práticas de Letramento da Escola Potiguara de Monte-Mór.

⁶ Em nossa pesquisa foram observadas 20 aulas de Língua Portuguesa e de Língua Tupi de 4 professores, sendo 3 indígenas e 1 não-indígena. Apresentamos nesse artigo somente a análise das 5 aulas de Língua Tupi, cujo professor é indígena, possui formação superior em Geografia e em Tupi Antigo, curso ministrado pelo professor Eduardo Navarro (USP).

⁷ Professor da ONG Tupi Aqui, Vice-presidente da Associação Intenacional Anchieta.

Quadro 1: alfabeto em língua tupi

Alfabeto	Palavra em Tupi	Significado em Português
A	Akaéu	Caju
B	Berab	Brilhar
E	Eirapûã	Abelha
G	Ygara	Canoa
I	ETA	Pedra
Ê	Êakaré	Jacaré
K	Katuga	Cantiga
M	Macaxera	Macaxeira
MB	Mbõia	Cobra
N	Nana	Abacaxi
Nd	amã'-ndykyra	Gotas de chuva
Ng	Akanga	Cabeça
Nh	Nhambu	Bambu
O	Oka	Casa
P	Pirá	Peixe
R	Reri	Ostra
S	Sabiá	Sabiá
T	Tupã-oka	Igreja
U	Urubu	Urubu
Û	Sûyra	Pássaro
X	Xe	Eu
Y	Ybyrá	Árvore
ÿ	Kapÿaba	Formiga
‘	‘aka	Chique

Na terceira aula, o professor passou uma lista com vinte palavras para os alunos, a fim de que eles começassem a constituir seu vocabulário. As quais serão expostas no quadro a seguir:

Quadro 2: palavras em língua tupi

Palavra em português	Palavra em Tupi	Palavra em português	Palavra em Tupi
Menino	Kunumĩ	Mata	KA'á
Menina	Kunhataẽ	Capim	Kapiĩ
Homem	Ap̃yaba	Casa	Oka
Mulher	Kunhã	Igreja	Tupã-oka
Sapo	Kururu	Terreiro	Okara
Onça	Íagûara	Rio	'y
Explosão	Pororoka	Buraco	Kûara
Peixe	Pira	Cana	Takûara
Árvore	Ybyará	Aldeia	Taba
Flor	Ybatyra		

Quando terminou de colocá-las no quadro, o professor fez a leitura das palavras e pediu que os alunos as repetissem. Depois ele passou um exercício de fixação, que consistiu em copiar três vezes algumas palavras selecionadas.

Na quarta aula, o professor fez uma avaliação. A mesma objetivava que os alunos escrevessem todo o alfabeto em Tupi e relacionassem a coluna de palavras em Língua Tupi com outra contendo palavras em Língua Portuguesa.

Na quinta aula, o professor ensinou os pronomes demonstrativos meu e minha, que, em Tupi, é “Xe” e ensinou como em Tupi as palavras designam as partes do corpo humano.

Quadro 3: palavras em tupi que designam partes do corpo humano

Palavra em Português	Palavra em Tupi	Palavra em Português	Palavra em Tupi
Mão	Pó	Boca	Êuru
Pé	Py	Perna	Retymã
Braço	Êyba	Peito	Pati'a
Cabeça	Akanga	Rosto	Robá
Olho	Resá	Coração	Nhyã
Nariz	Tê		

Feito isso, o professor passou o exercício que consistiu em os alunos escreverem dez frases usando o pronome Xe e as palavras que designam as partes do corpo humano. Como neste exemplo: Xe pó = minha mão.

Na sexta e última aula observada, o professor passou um exercício, cuja questão foi essa: “Ligue o desenho à palavra em Tupi”. Representaremos no quadro a seguir os desenhos pelas palavras que os designam.

Quadro 4: exercício de língua tupi

TEMBIADÓ/EXERCÍCIO	
DESENHO	PALAVRA EM TUPI
Peixe	Abate
Casa	'aoba
Flor	Pysá
Faca	Taba
Abacaxi	Pirá
Short	Kysé
Milho	Ybotyra
Cesto	Oka
Fogo	Îagûara
Onça	Naná
Igreja	Tupã-oka
Árvore	Ybyrá
Borboleta	Eîrapuã

As observações das aulas mostram, portanto, que o ensino-aprendizagem da Língua Tupi se encontra na fase de aquisição do código ou fase de alfabetização, propriamente dita. Percebe-se que, nesse contexto escolar, predomina a memorização de palavras descontextualizadas, através da repetição, seja oral ou escrita. A forma é priorizada em detrimento da função, por isso a Língua Tupi, nas aulas observadas, aparece fragmentada em vocábulos, sem qualquer tipo de contextualização. Podemos afirmar, assim, que as atividades de ensino-aprendizagem de Língua Tupi não evidenciam uma língua em funcionamento e, tampouco, aulas interativas, reforçando nossa constatação de que o Tupi não tem usos efetivos nas práticas de linguagem da comunidade. Aspecto também observado nos discursos dos professores indígenas, os quais analisaremos na sessão a seguir.

O tupi e o professor indígena

Entrevistamos três (3) professores indígenas, sendo um (1) de Língua Portuguesa; um (1) de História e um (1) de Língua Tupi. Nosso objetivo ao entrevistá-los foi saber seus posicionamentos sobre a implantação e ensino da Língua Tupi na aldeia de Monte-Mór.

Veamos o que diz o professor Ibirajara:⁸

Bem oficialmente o bilinguismo é o estudo de duas línguas ou se não a prática de duas línguas. Quer dizer são é:::, há muitas comunidades indígenas hoje que nós conhecemos que são. Algumas pessoas são bilíngue no caso né. Eu acho que o ser bilíngue não é obrigado saber o inglês e o português ou francês e português, acho que as pessoas que falam dialetos ou línguas indígenas também são bilíngues né? Porque no caso elas conseguem está nessas duas áreas. A gente sabe que há muitos povos indígenas que são bilíngues; que eles dominam o português, que é a língua mãe da nação, mas

⁸ Todos os nomes dos professores em estudo são fictícios.

também eles falam nos seus dialetos na sua comunidade. **Mas no caso dos Potiguara eu desconheço Potiguara bilíngues no caso né?** Porque as pessoas que fizeram o curso de Tupi, que aprenderam a falar o Tupi, mas não é o original, então eu acho que o bilinguismo no caso dos Potiguara eu acho que é um processo é que (eu não sei a palavra que eu poderia usar) não é original no caso né, mas eu entendo (INC) no caso as comunidades que falam duas línguas é:::, podendo ser um dialeto e um português ou duas (línguas) de duas nações. No caso né? (Professor Potiguara 2007).

O professor entende por bilinguismo o estudo de duas línguas ou a prática de duas línguas. E nos revela que o estado da comunidade Potiguara não é de bilinguismo, porque a língua que lhes foi ensinada não é sua originária e porque ele não conhece pessoas na comunidade que façam uso das duas línguas: o Tupi e o Português. Compartilhamos dessa opinião, pois entendemos que são os usos que determinam o estado de bilinguismo e não o simples ensino de duas línguas.

Diante dessa realidade linguística identificada, somos levados a afirmar que os Potiguara manifestam sua identidade via práticas discursivas em língua portuguesa. Segundo Cavalcante (2007:55):

Os índios do nordeste procuram realizar um trabalho discursivo de afirmar a sua indianidade, uma identidade genérica como índios, um discurso identificatório que é construído no confronto com o outro não-índio, e até, às vezes, com o próprio parente da Amazônia.

E que o Tupi é uma língua simbólica, cujo estatuto dentro da comunidade é de bem, de sagrado, de identidade, no sentido de que aprender Tupi equivale a recuperar uma parte da identidade nativa que foi perdida ou reprimida durante o processo de colonização. Ou seja, o Tupi não é o

meio pelo qual os nativos manifestam sua indianidade, mas a própria língua, enquanto código, é tomada como constitutiva da identidade nativa, por isso iniciou-se seu processo de resgate, de aquisição. Como podemos observar através das respostas dos professores potiguaras às entrevistas.

Ibirajara⁹

Questão: Qual a importância do ensino da língua Tupi para sua comunidade Potiguara?

O ensino do Tupi para a comunidade Potiguara é uma tentativa de valorização né? Da da cultura indígena. Agora uma opinião particular minha, não é a opinião da maioria, não é opinião consensual. Entendeu? Mas é::: eu não concordo muito com essa essa introdução do Tupi, entendeu? Até porque é::: eu considero como um Tupi mecânico, porque é uma coisa que é trazida e (imposta). Eu num sou muito, não concordo muito não, agora é uma opinião minha, não reflete a opinião da maioria, nem um consenso né?. É eu sou a favor da desse ensino de línguas indígenas da educação indígena naquelas comunidades que não a perderam ainda, agora eu acho que às vezes trazer o Tupi para uma comunidade que já perdeu essa língua já no histórico, se torna até pouco interessante para os alunos. Você, é::: você falta u:::, você dá o conteúdo mas você acha que não consegue chegar até aos alunos porque falta o::: é interesse da prática no dia-a-dia. Se aprende o Tupi hoje vamos supor no caso da nossa escola Guilherme da Silveira é::: são 2 aulas por semana, aonde o aluno aprende o Tupi naquelas duas hora por semana, mas depois cadê essa prática do dia-a-dia, cadê o interesse em relação a isso aí, porque nós não temos programas televisivos em Tupi, não temos acesso a internet em Tupi, não temos textos em Tupi, não temos livros em Tupi, então fica uma coisa muito acho isolada, então acho eu respeito as pessoas que defendem que introduziram e tudo mais, mas eu tenho uma opinião meia contrária a essa questão do Tupi. (Professor Potiguara 2007)

⁹ Professor indígena, formação superior em Geografia, leciona Língua Portuguesa.

O professor Ibirajara deixa bem claro em seu discurso que o ensino da língua Tupi é para valorização da cultura, isto é, faz-se presente na escola como forma de fortalecer a identidade indígena ou mesmo construí-la sob a égide do discurso de que língua e identidade estão imbricadas, logo, para constituírem-se como povo indígena tem que falar uma língua nativa, assim o ensino do Tupi direciona-se para o resgate da cultura ancestral e não porque tenha uma funcionalidade dentro da aldeia.

Ibirajara

Questão: Há espaço e necessidade do bilinguismo nessa escola indígena?

Se for dentro do contexto de valorização da cultura, se for dentro do contexto de de de de unir todos é::: em prol de algo, em prol de uma forma. No caso o tupi né valorizar a cultura ancestral, é valorizar a questão da identificação né, aquelas crianças aprendem o tupi eu acho no caso o bilinguismo pode ser interessante, entendeu? Agora é::: agora eu acho que um processo muito longo ainda. Eu acho que para o bilinguismo dentro da questão Potiguara, não estou falando de outros povos que ainda possuem, mas para os Potiguara eu acho que é um caminho longo é::: em termos de educação indígena mais propriamente dito tem que se tornar interessante, porque é o português que a criança aprende na escola, ela pratica no dia-a-dia, ela fala em casa com os pais, ela ouve o português, ela tem livros em português, então ela pratica, e o tupi ele tem que caminhar pra isso, se quiser voltar ou permanecer, porque se ele não articular essa expansão, eu acho que ele se torna vazio (Professor 1 2007).

O professor Ibirajara, ao ser questionado sobre a importância do ensino da língua Tupi para sua comunidade Potiguara, mais uma vez mostra o impasse entre a necessidade efetiva de falar Tupi e o discurso de valorização da cultura nativa, via resgate de línguas indígenas extintas. Observemos:

O ensino do Tupi para a comunidade Potiguara é uma tentativa de valorização né da da cultura indígena. Agora uma opinião particular minha, não é a opinião da maioria, não é opinião consensual. Entendeu? Mas é::: eu não concordo muito com essa essa introdução do Tupi, entendeu? Até porque é::: eu considero como um Tupi mecânico, porque é uma coisa que é trazida e (imposta). Eu num sou muito, não concordo muito não, agora é uma opinião minha, não reflete a opinião da maioria, nem um consenso né. É eu sou a favor da desse ensino de línguas indígenas da educação indígena naquelas comunidades que não a perderam ainda, agora eu acho que às vezes trazer o Tupi para uma comunidade que já perdeu essa língua já no histórico, se torna até pouco interessante para os alunos. Você, é::: você falta u:::, você dá o conteúdo mas você acha que não consegue chegar até aos alunos porque falta o::: é interesse da prática no dia-a-dia. Se aprende o Tupi hoje vamos supor no caso da nossa escola Guilherme da Silveira é::: são 2 aulas por semana, aonde o aluno aprende o Tupi naquelas duas hora por semana, mas depois cadê essa prática do dia-a-dia, cadê o interesse em relação a isso aí, porque nós não temos programas televisivos em Tupi, não temos acesso a internet em Tupi, não temos textos em Tupi, não temos livros em Tupi, então fica uma coisa muito acho isolada, então acho eu respeito as pessoas que defendem que introduziram e tudo mais, mas eu tenho uma opinião meia contrária a essa questão do Tupi. (Professor 1 2007).

Tupi mecânico, assim o entrevistado nomeia o Tupi ensinado na escola indígena. Essa língua indígena, portanto, só tem sentido dentro de um discurso do resgate. Pensamento que parece querer que essas comunidades nativas voltem a ser o que eram quando aqui as caravelas portuguesas aportaram. Esse retorno, porém, não é possível, as transformações aconteceram e um novo comportamento e modo de ser e viver foi construído por esses povos. Situação que não torna essas comunidades menos indígenas. Temos que entender

somente que elas, ao longo do tempo, foram se redefinindo e manifestando sua identidade de outras formas e com a língua do colonizador.

O professor Cauã é a favor do ensino de Tupi, pois para ele, língua e identidade se implicam mutuamente.

Cauã¹⁰

Questão: Qual a importância do ensino da Língua Tupi para sua comunidade Potiguara?

É importante porque resumindo é um é a primeira língua, a língua como se chama de (pausa, pensando) a língua. (tenta lembrar) que no ano, até mil oitocentos e, deixa eu ver, até 1837 aqui só falava tupi aí com o tempo foi perdendo essa cultura, mas quer queira quer não queira é importantíssimo tá porque se hoje em dia não tivesse gente que falasse tupi, alguns professores eu acho que aqui nem negócio de indígena não tinha. É fundamental esse negócio da língua tupi. E quer queira quer não queira vai ter uma, vai ser obrigado os professores indígenas com o tempo obrigado a falar tupi todos esses professores indígenas (Professor Potiguara 2007).

O depoimento do professor Cauã mostra exatamente a concepção equivocada sobre língua e identidade: língua indígena é entendida como sinônimo de afirmação étnica, ou seja, nessa concepção, se não existir uma língua indígena sendo ensinada na escola, a escola deixa de ser indígena, logo, quem não falar Tupi antigo não será potiguara. O professor reproduz exatamente o discurso que até muitos órgãos indigenistas tomam como verdadeiro. Para este professor, identidade indígena está tão fortemente ligada à língua nativa que no futuro será obrigatório, em sua opinião, todos os professores da escola indígena falarem o Tupi. Concepção parecida com a apresentada pelo professor Abaeté.

¹⁰. Professor indígena, não possui formação superior, leciona Língua Portuguesa.

Questão: Há espaço e necessidade do bilinguismo nessa escola indígena?

Com certeza, absoluta porque se deve está preparado por que exemplo como saiu com uma aluna minha que saiu pra uma apresentação algum movimento que fizeram indígena, aí alguém parou o carro na estrada é perguntou você sabe falar alguma coisa em tupi? A menina que não estudava na escola disse: - sei não, quem sabe é ela que estuda. Entende? (incompreensível) Aí perguntou a menina minha aluna. Tão pouco que ela sabia, mas já soube falar. Diga alguma coisa em tupi pra mim ouvi. Aí a menina disse uma pequena frase, mas ela soube falar. Você entendeu o que eu quero dizer? Mas ela soube falar. Até ela se atrapalhou um pouco, professora/mas eu não me lembro agora no momento como foi a frase, mas foi frase curta. Aí ela se atrapalhou numa palavra, mas eu disse: - tudo bem, eles não sabem, você falou certo. Você se atrapalhou um pouco, mas você fez sua parte. Quer dizer que é importante no é? Ela tava de ropinha de índio. (incompreensível) aí ela fez a frase, mas se atrapalhou. Ta vendo como é importante aprender tupi. - Professora eu fiquei um pouco nervosa, mas eu respondi. Correto, dá maneira dela né? Mas se ela não estuda, ela não ia saber responder nada, ia ficar feio entendeu? Aí tem que ter na escola, a criança de quinta séria, que só tem no fundamental. Deveria ser desde o início, do prezinho. Prá começar a falar em tupi, o alfabeto em tupi, aí começava as palavrinhas, aí você pegar adultos que são alunos de alfabetização em termos de tupi. Tem que ter vocabulário, formar frase, depois chegar no texto. Devagar Prá chegar a falar mesmo, bater papo. Tem muita coisa. Eu mesma sei palavras, se pedir para fazer um discurso, é complicado, porque muitas palavras não existiam em tupi, outras foram adaptadas, como carro, o índio não andava de carro né? Ele andava a pé, a cavalo, mas de carro ele não andava. O índio não andava de avião, hoje ele anda. O índio não andava de ônibus, hoje ele anda de ônibus. Essas palavras hoje existe porque foram adaptadas (Professor Potiguara 2007).

O professor deixa claro que precisa aprender o Tupi para não passar vergonha, para não ficar feio, pois o não-índio entende que o “verdadeiro” índio fala sua língua e, se não falar, será ridicularizado ou desacreditado de sua própria identidade pelos não-índios e até pelos seus irmãos indígenas que ainda conservam sua língua nativa.

Conclusão

Ficou claro que entre os potiguara há um confronto entre dois discursos sobre a identidade nativa: um concebe identidade nativa atrelada à língua Tupi, logo, ela precisa ser revitalizada e readquirida, a fim de ajudar a determinar a identidade potiguara frente à identidade não-índia. O outro discurso posiciona-se contra o ensino do Tupi na escola indígena, mostrando que não concebe o Tupi como elemento determinante para identificar os potiguara como indígenas.

Ficou claro também que o Tupi não tem usos para fins comunicacionais dentro da aldeia, seu estatuto é de língua simbólica, meio pelo qual se pretende fortalecer a indianidade. Assim, o ensino da língua Tupi mostra-se sem bases comunicacionais, pragmáticas e interativas, haja vista que a comunidade de Monte-Mór não pratica mais sua língua nativa. É uma língua ensinada porque se acredita que ela está estritamente ligada à identidade indígena e como, atualmente, o discurso do resgate da cultura e dos costumes Potiguara está em pleno vigor, a língua Tupi passa a ser vista por muitos como elemento fundamental para esse objetivo.

Referência bibliográfica

CAVALCANTI, M. C.; CÉSAR, A. L. 2005. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: DIONISO, A. P; MACHADO, R. M; BEZERRA, M. A. *Gêneros Textuais e Ensino*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna.

LOPES, M. *Discurso e Identidade*. Campinas: Mercado das Letras.

MAHER, T. M. 1998. Sendo Índio em Português. In: SIGNORINI, I. (Org). *Língua(gem) e Identidade*. Campinas: Mercado das Letras.

_____. 2007. Do casulo ao movimento: a supressão das incertezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs). *Transculturalidade, Linguagem e educação*. Campinas: Mercado de Letras.

MUNDURUKU, Daniel. 2000. *O banquete dos deuses*. São Paulo: Angra.

SOUZA, A. S. D. 2004. *Identidade, Educação Escolar Indígena e Bilinguismo na Aldeia Munduruku*. (dissertação de mestrado). Amazonas: Manaus.

RIBEIRO, D. 1995. *O povo brasileiro*. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Companhia das Letras.